

TRUE COLORS

Como Deseo

18 ABRIL

02 MAIO 2023

WOW PORTO

True Colors by Ricardo Carriço

True Colors, consiste num exercício, aqui desenvolvido por **Ricardo Carriço**, de pesquisa quadricromática que se desenvolve, por sua vez, de forma sensorial sobre outro modelo de estruturação do campo formal também ele assente em 4 elementos simbólicos, a linha, a corda, nos seus intrincados movimentos, o espaço e os seus ocupantes e as estruturas que se enformam em 4 séries.

Mas porquê o 4: Em 1917, **Almada Negreiros**, desenvolvia num texto, em forma de folheto, de um único parágrafo K4 O Quadrado Azul. Uma sátira social, que como, em 1985, escrevia **David Morão Ferreira** "... cujo enredo gira em torno de duas personagens em decadência..." e "É sobretudo um texto que exprime a brutalidade do génio, a brutalidade criadora que lança no papel uma torrente de sentimento puro, bestial. Um discurso...de associação e ideias, numa experiência que me atrevo a classificar...de escrita automática". Aqui, uma interessante possível associação à obra, que integra esta exposição e neste caso, pictórica.

É uma obra que expressa a sua obsessão pela proporção, pelos elementos que Almada considera os alicerces da Verdade.

Na realidade a interpretação está para lá do seu agente conceptual, mesmo que o princípio seja minimal, quer em termos de simbologia, quer de reação do leitor.

No Japão, porque a pronúncia do número quatro tem um somido similar ao da palavra morte, ele é um símbolo de azar e pelo continente asiático vários são os povos que têm alguma tetrafobia (uma espécie de medo ao número quatro).

Já na numerologia e no Tarot, este representa a imobilidade, a constância e a segurança.

Mais do que isso, o número quatro significa organização e disciplina, responsabilidade e acção. Ela é a base geométrica da estabilidade e isso se reflete na vida, mas também num certo conservadorismo estrutural e resistência à mudança, razão pela qual se aproxima dos pressupostos conceptuais do minimalismo, do neoplasticismo e da pintura concreta.

O quatro, remete-nos sempre para a sua forma geométrica, a da solidez do quadrado e neste caso para os próprios suportes da obra de **Ricardo**.

Nesta experimentação plástica, **Ricardo** joga com a simplicidade e o imediatismo preceptivo. Elementos de leitura rápida e de interpretação sobretudo sensorial sobre painéis de grande contenção cromática. A sua significância, enquanto discurso plástico, surge numa postura, que podemos começar por conectar também com a Conceptual Art, num tipo de intervenção muito alicerçada e explorada nos modelos desenvolvidos a partir da final da década de 50 e filiados ainda nas gramáticas da Minimal Art e do expressionismo na sua forma mais primária e que nos remetem para **Yves Klein**, ou para os americanos, entre os quais **Newman** e **Ed Rasha**.

Este discurso, não perde, no entanto, a sua atualidade na medida em que se centra estruturalmente na dimensão que os referentes semânticos, têm na vivência de cada um. Se a exposição se desenha segundo um determinado percurso que converge num sentido específico, mais do que um conjunto de cores e texturas ou formas tridimensionais que enfatizam o seu significado, o processo conceptual de **Ricardo Carriço**, concentra-se sobretudo na necessidade de comunicar, sem filtros, sem ruídos poluidores e induzindo diretamente a descodificação da mensagem contida em cada obra, por cada um de nós, independentemente das barreiras intrínsecas ao observador e a ele só.

True Colors é também a quadricromia cromática, reduzida à essência da cor na sua dimensão subtrativa.

Afinal a cor não é mais do que o modo como o cérebro dos animais e neste caso o homem, interpreta os sinais electro nervosos que provocam uma sensação no olho a partir da perceção resultante dos diferentes comprimentos de onda da energia eletromagnética e aqui, resultantes da reemissão da luz quando provinda de um objeto sobre o qual esta incide depois de emitida por uma fonte luminosa e que corresponde à parte do espectro eletromagnético que é visível (380 a 700 nanômetros - $4,3 \times 10^{14}$ Hz a $7,5 \times 10^{14}$ Hz). Desde a antiguidade que este fenómeno é estudado:

O filósofo grego Aristóteles foi quem desenhcou a mais antiga teoria sobre cores que se tem notícia e já aí definia que as cores eram uma propriedade dos objetos: assim como peso, material, textura, eles tinham cores. Estas eram estabelecidas segundo a visão mágica dos números e seriam 6 as cores fundamentais. De certa forma, esta teoria já se aproximava, embora de forma simplista, da teoria de **Goethe**.

Nesta altura, assim como na Idade Média e ainda de acordo com as várias dimensões que a cor assume para **Ricardo**, a sua interpretação é profundamente influenciada por aspetos psicológicos e culturais. **Plínio** chegou mesmo a teorizar que as três cores básicas seriam o vermelho vivo, a cor ametista e uma outra cor a que chamou de conchífera e o mais interessante, é que o amarelo foi excluído desta lista por estar associado a mulheres, pois era usado no véu nupcial.

Na Renascença, **Leon Battista Albert**, discípulo de **Brunelleschi**, e contemporâneo de **Leonardo da Vinci**, na sua obra “De Pictura” , considerava que eram quatro as cores básicas, o vermelho, verde, azul e o cinza- esta configuração das cores em número de quatro estava relacionada com os quatro elementos: Fogo-vermelho; Ar-cinza; Água-azul; Terra-verde.

Leonardo da Vinci que pesquisou a visão estereoscópica e tentou mesmo construir um fotômetro, no livro "Tratado da Pintura e da Paisagem" uma compilação de anotações suas, estabelece que a cor afinal, não era uma propriedade dos objetos, mas sim da luz e embora mantendo a quadricromia, pela primeira vez afirma que o branco e o preto não são cores mas extremos da luz.

Já **Isaac Newton**, (1642-1727) que fez grandes experiências sobre a decomposição da luz em cor através de prismas óticos, acreditava na teoria corpuscular e que as cores eram devidas ao tamanho da partícula de luz, assim opondo-se a **Huygens** que acreditava na teoria ondulatória.

A teoria de **Newton** não explicava satisfatoriamente o fenômeno da cor, mas ele produziu o seu pequeno arco-íris artificial e com ele, provou que a luz que emergia do prisma se decompunha em sete cores do espectro, em raios sucessivos: vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, anil e o violeta e foi mais longe ao estabelecer relações entre as cores e os sons da escala musical, ou dividindo as infinitas cores do espectro em sete grupos de cores. Para ele a luz é composta por corpos luminosos, que chegam até aos olhos do observador e produzem a sensação de luminosidade, a sua teoria corpuscular da escuridão.

Para **Ricardo**, aqui em True Colors ele assume de forma clara os conceitos da cor, defendidos por **Le Blon**, um impressor do séc. XVIII que testou diversos pigmentos até chegar aos três básicos para impressão: o vermelho, o amarelo e o azul e os defendidos na Teoria cromática de **Goethe** no séc. XIX.

Goethe, poeta, passou 40 anos a tentar concluir um tratado que contrariava a ideia de **Newton**. Poeticamente, ele defendia que a luz

branca não podia ser constituída por cores, cada uma delas mais escura que o branco, mas sim, que as cores eram o resultado da interação da luz com a "não luz" ou a escuridão.

Este fenómeno também é perceptível em alguns destes trabalhos de **Ricardo**, onde ele mais explora a espacialidade. Assim, o azul seria o resultado do aprofundamento da luz até à escuridão, tal como no mar, da superfície para o fundo. O azul do céu, é a luz refletida na terra que volta em direção ao espaço negro através da atmosfera e é aqui que, (des)construídos de modo textural, voláteis e sensoriais, os pássaros de **Ricardo** voam.

Goethe, sobretudo descobriu aspetos, como a fisiologia e a psicologia da cor, a retenção das cores na retina, a visão da alternância ocular das cores complementares e notou que de objetos similares resultam sensações diferentes em função da sua cor. Também reinterpreto as cores, os pigmentos de **Le Blon**, aproximando-os, com muita precisão das atuais magenta, amarelo e ciano, Princípios depois resgatados no início do século XX pela gestalt e pintores como **Paul Klee**, **Mondrian** e **Kandinsky** e alguns deles, tão importantes nesta obra de **Ricardo**.

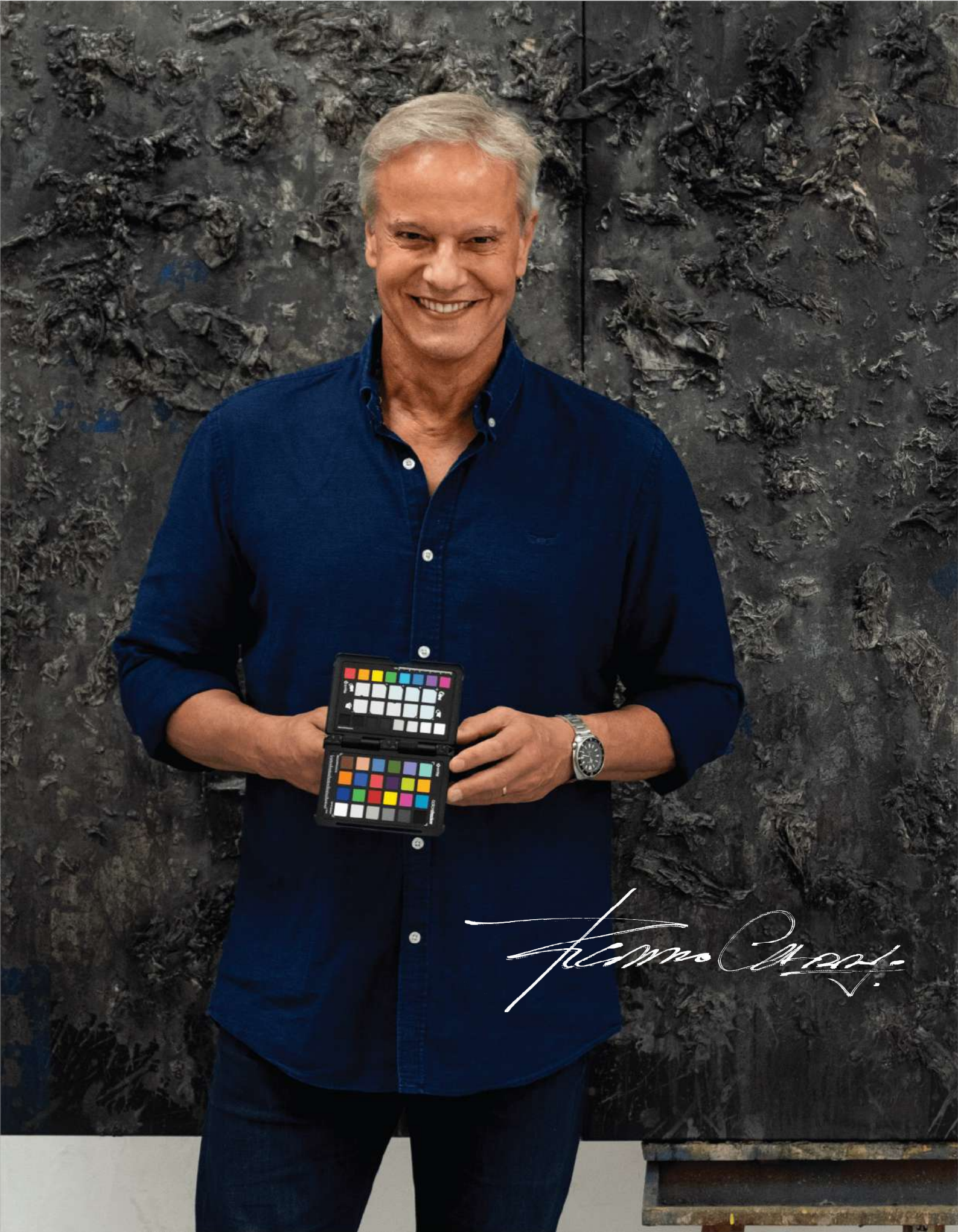
A cor hoje apresenta-se segundo 3 dimensões: física, fisiológica e físico-química e procura afinidades com os seus efeitos: culturais, sensíveis, subjetivos e aqueles que se relacionam com a interioridade de cada indivíduo.

Da mesma forma, **Ricardo**, potencia o carácter objetivo de cada cor e pretende através de um simulacro superficial induzir um estímulo e entender a sua atuação na alma humana. Cada uma das cores que utiliza, pretende ter em cada uma das linguagens usadas, um carácter próprio, uma atuação específica sobre a psique humana, provocando estados anímicos específicos, memórias perdidas e diferentes sensações, reações, mas também dimensões simbólicas diversas.

A cor é aqui, nesta obra, não um fenômeno físico, mas um fenômeno fisiológico, de caráter subjetivo e individual. Aqui a cor começa onde a física acaba e a síntese subtrativa é potenciada pela forma como **Ricardo** manipula sensorialmente cada superfície.

Na série linhas, aproxima-se dos códigos de barras e da organização contemporânea, mas também da plasticidade formal de **Frank Stella**, nas suas “Black Paintings” ou das obras de **Keneth Noland**. Nas paisagens e espaços siderais, entre amarelo e a azul ou vermelho, aproxima-se dos ícones da nova abstração e estas obras surgem como prelúdios musicais ao minimalismo. Num processo de pesquisa contínua, **Ricardo** deu um passo em frente, procurando superar-se em cada série no sentido de encontrar uma linguagem mais depurada, com algum arrojo no uso da escala e do espaço e, apesar da contenção cromática, para ele, um quadro é bem mais do que uma superfície com tinta em cima é um acto de comunicação com o cosmo de cada um.

Júlio Quaresma



Franco C. 2007

TRUE COLORS

BIRDS COLLECTION

STRUCTURES COLLECTION

ROPES COLLECTION

LINES COLLECTION

Ricardo Carriço, nasceu a 20 de Agosto de 1964, em Cascais. Reconhecido do grande público como ator, a paixão pelas artes plásticas sempre o acompanhou, tendo realizado a sua primeira exposição com 21 anos.

Depois de mais de uma década de interrupção apresenta "True Colors", a sua 6ª exposição, que define como "um grito de cor e de vida".

Birds

COLLECTION

Técnica mista - jornal, cola, cimento, acrílico, verniz.

“A pintura do Ricardo Carriço é uma viagem pelo peculiar imaginário e requintado informalismo do artista, que permite praticamente num só olhar compreender o diálogo fecundo entre a tela e o uso de materiais subtis todos eles numa fusão coerente, elegante, lógica, natural e perfeita.(...)”

Clara Ferreira Marques



“Birds 1”, 260cm x 160cm
Técnica mista - jornal, cola, cimento, acrílico, verniz.



“Birds 5”, 180cm x 155cm
Técnica mista - jornal, cola, cimento, acrílico, verniz.



“Birds 3”, 160cm x 120cm
Técnica mista - jornal, cola, cimento, acrílico, verniz.



“Birds 6”, 240cm x 120cm
Técnica mista - jornal, cola, cimento, acrílico, verniz.

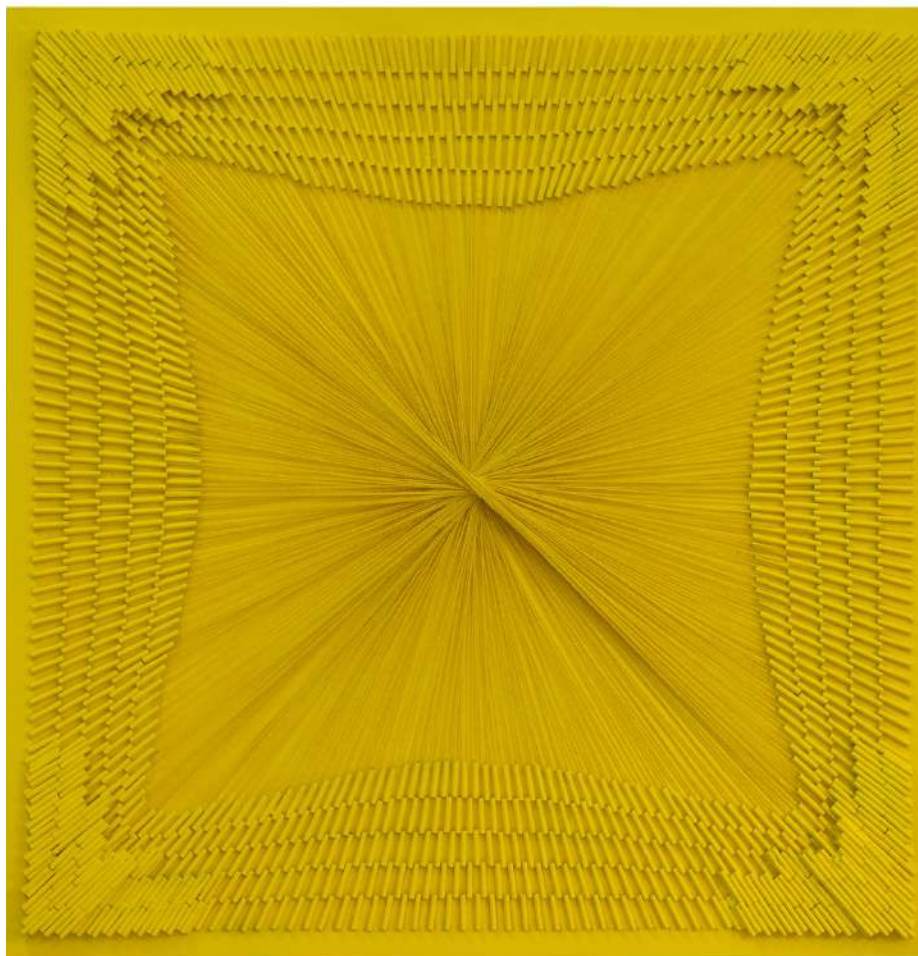
Structures

COLLECTION

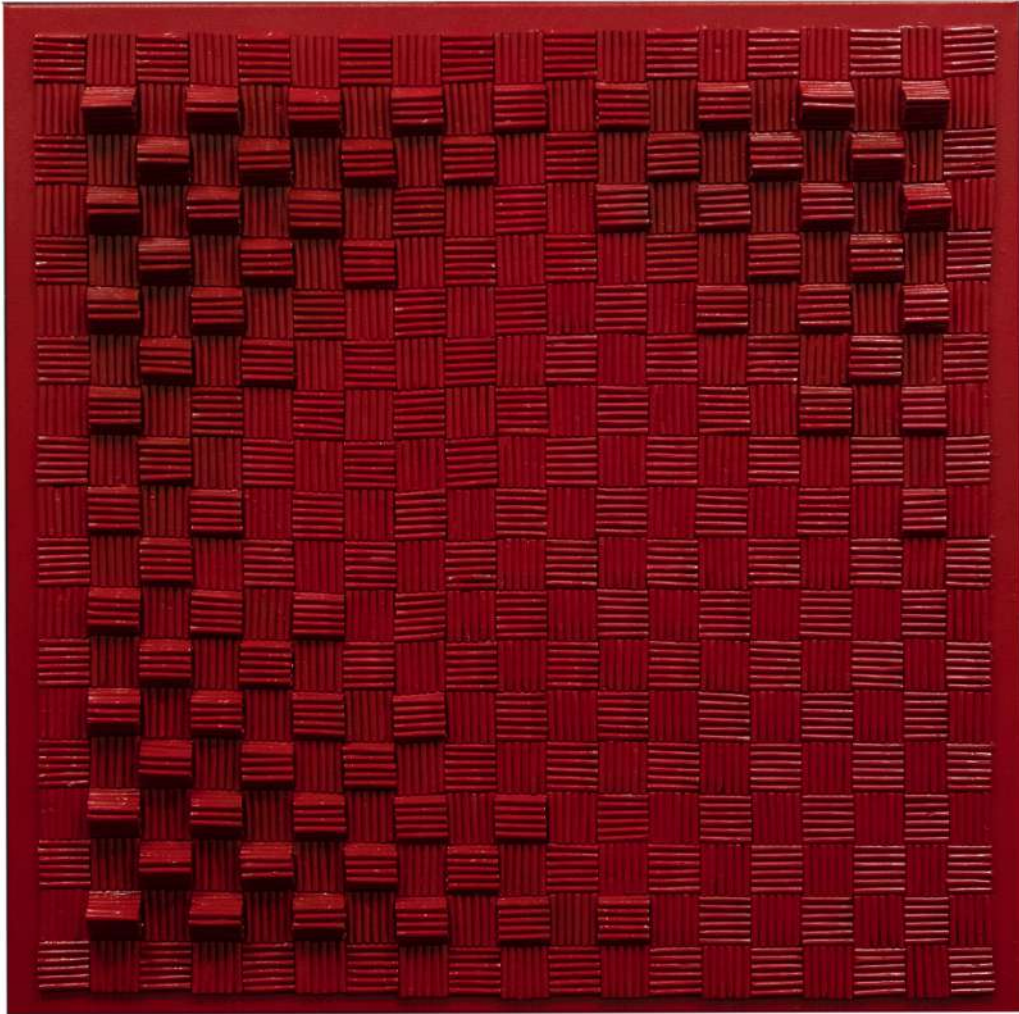
Técnica mista - cigarros aquecidos, cola, acrílico, corda, verniz.

“Estes quadros são mantras que esperam no silêncio a nossa visita. Tempo e silêncio que cheguem para que comecem a manifestar-se. Não são apenas pintura ou arte multimoda, são muito mais do que isso.”

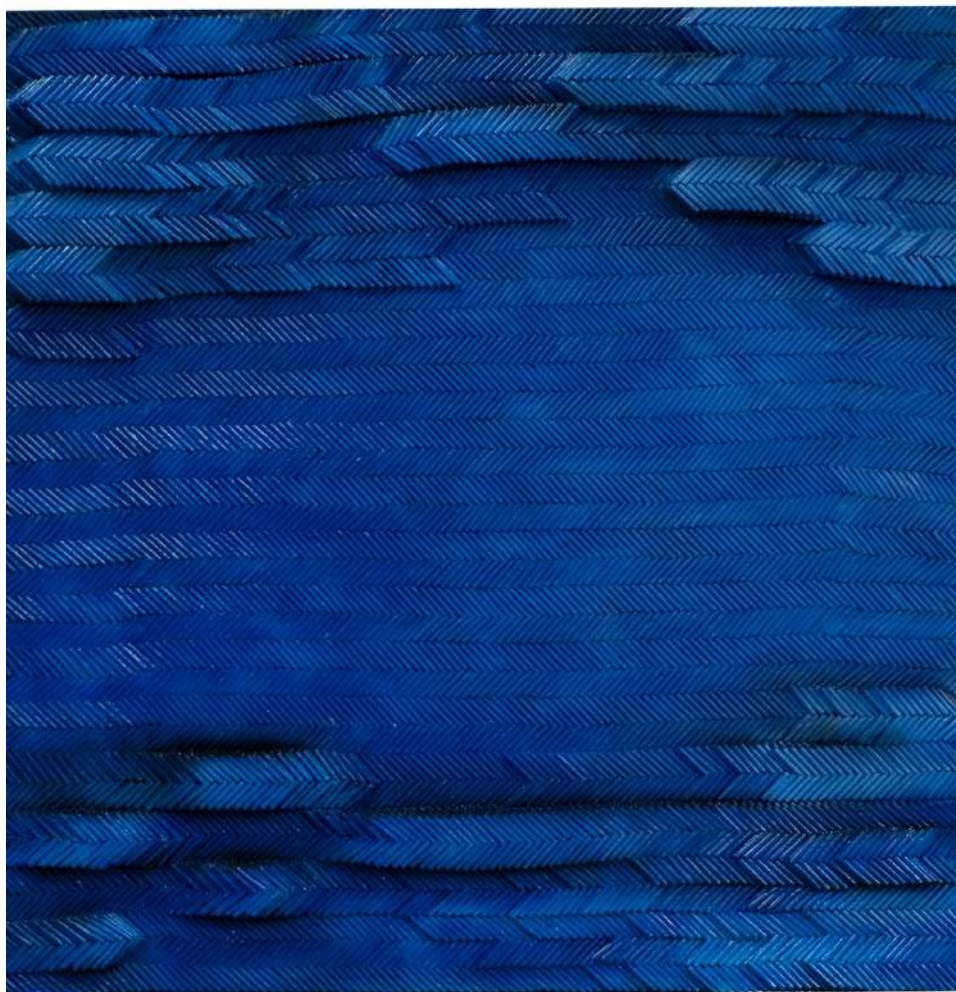
Jorge Guimarães



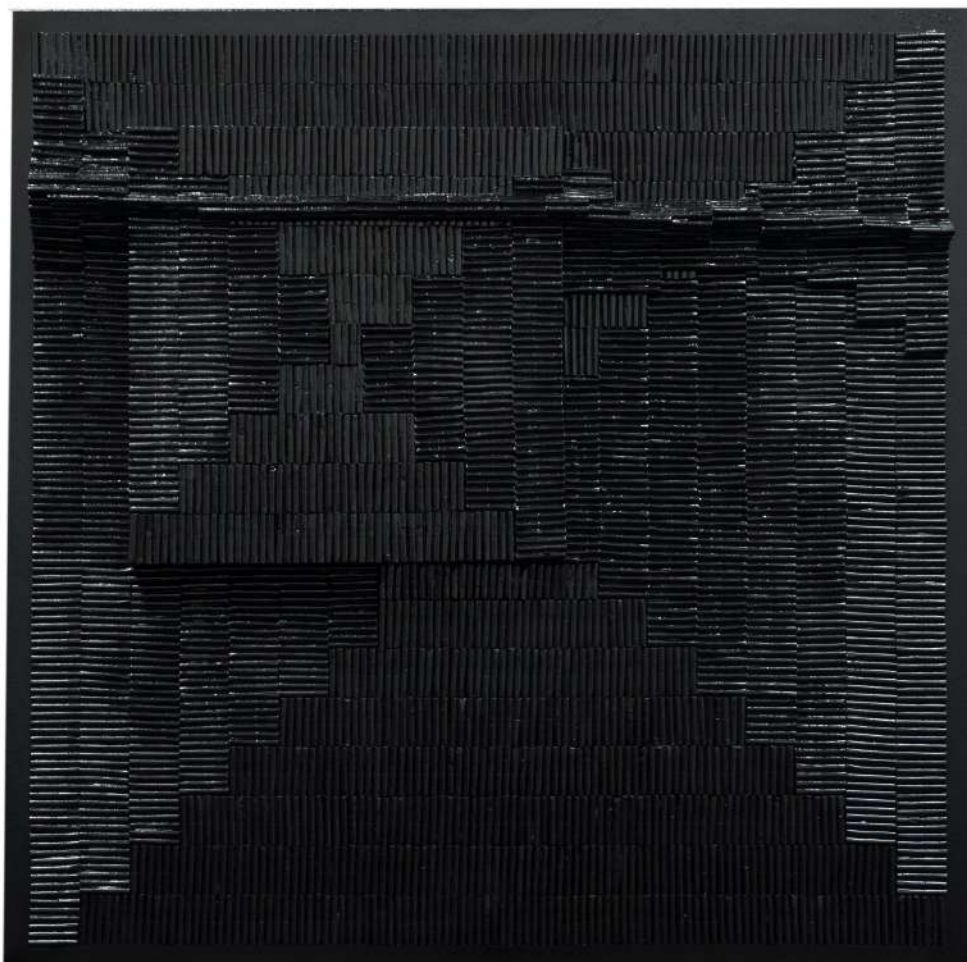
“Structures 1”, 120cm x 120cm
Técnica mista - cigarros aquecidos, cola, acrílico, corda, verniz.



"Structures 5", 90cm x 90cm
Técnica mista - cigarros aquecidos, cola, acrílico, corda, verniz.



“Structures 3”, 120cm x 120cm
Técnica mista - cigarros aquecidos, cola, acrílico, corda, verniz.



“Structures 6”, 90cm x 90cm
Técnica mista - cigarros aquecidos, cola, acrílico, corda, verniz.

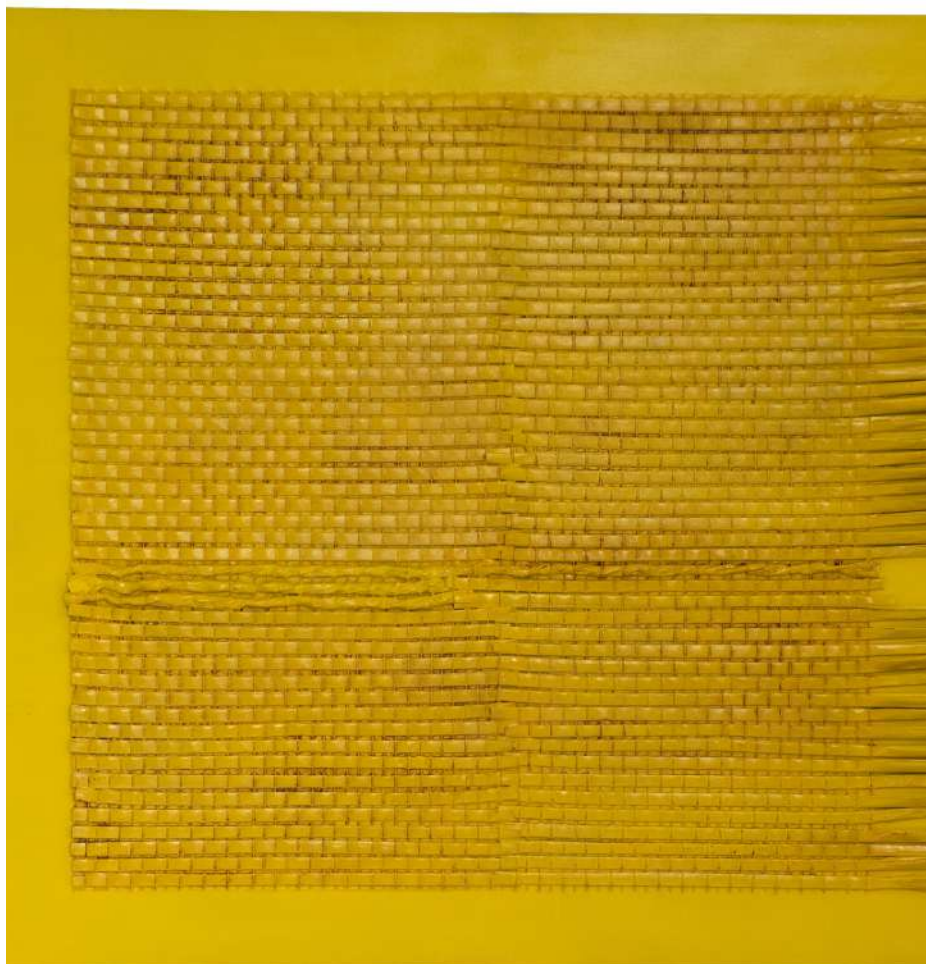
Ropes

COLLECTION

Técnica mista - corda, jornal, acrílico, verniz.

“(...)Transmiti-lo, apenas é possível, porque a sua sensibilidade encontra na arte, a forma de respirar. São estados de alma, que Ricardo Carriço desvenda numa procura contínua.(...)”

Maria Helena Torrado



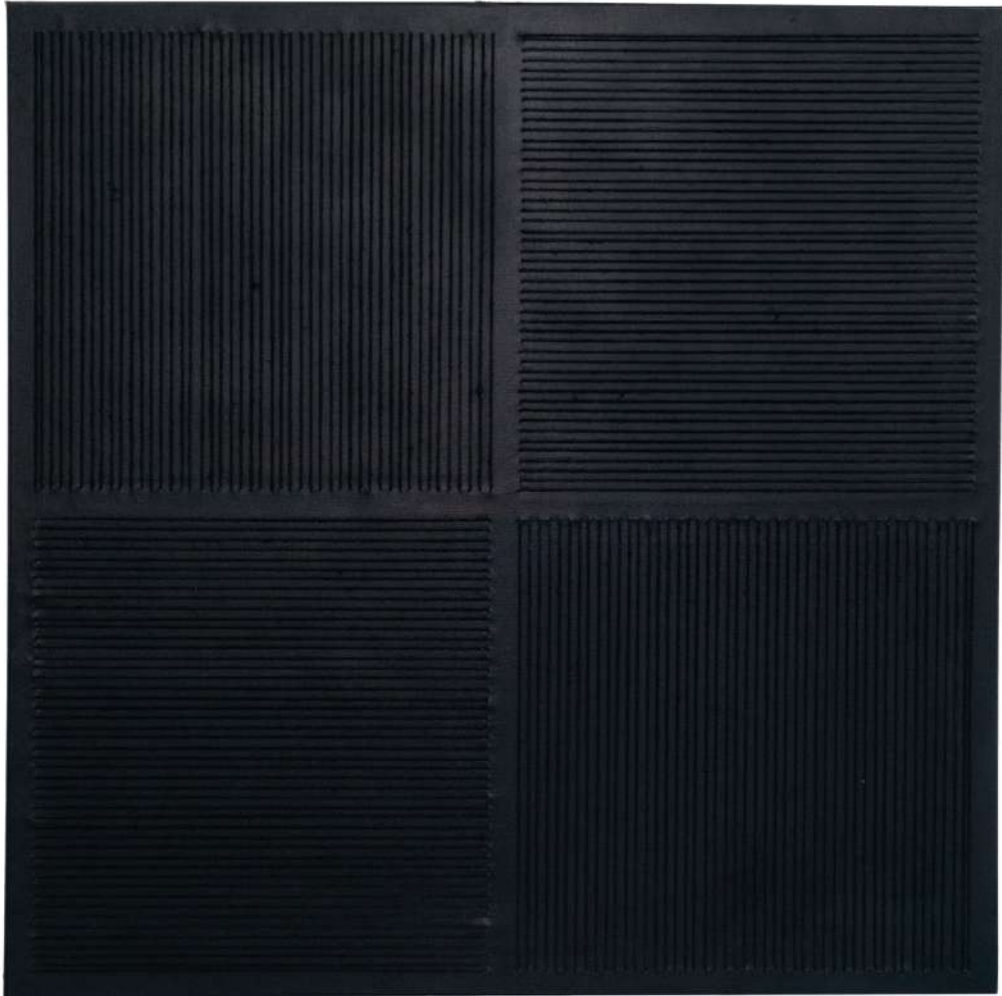
“Ropes 1”, 120cm x 120cm
Técnica mista - corda, jornal, acrílico, verniz.



“Ropes 2”, 120cm x 120cm
Técnica mista - corda, jornal, acrílico, verniz.



“Ropes 3”, 100cm x 100cm
Técnica mista - corda, jornal, acrílico, verniz.



“Ropes 4”, 100cm x 100cm
Técnica mista - corda, jornal, acrílico, verniz.

Lines

COLLECTION

Técnica mista - cimento, cola, acrílico, verniz.

“(...)Há uma componente romântica pelo fascínio da côr que ilumina a pintura do Ricardo e que nos hipnotiza pelos espaços aparentemente vazios mas cheios de recantos misteriosos, alguns extraordinariamente quentes, outros lugares para meditação e paz.”

Clara Ferreira Marques



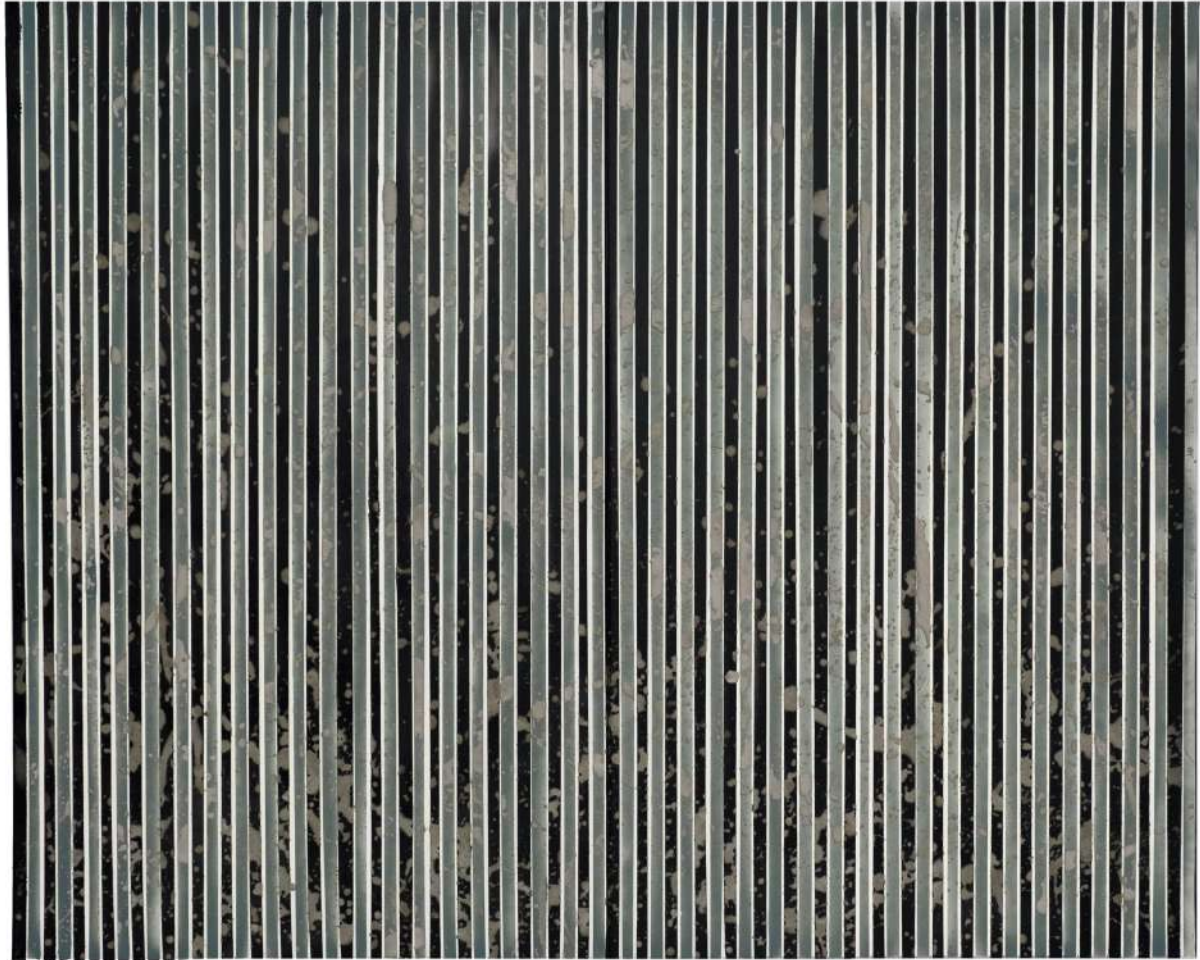
“Lines 1”, 200cm x 120cm
Técnica mista - cimento, cola, acrílico, verniz.



“Lines 5”, 120cm x 120cm
Técnica mista - cimento, cola, acrílico, verniz.



"Lines 6", 120cm x 120cm
Técnica mista - cimento, cola, acrílico, verniz.



“Lines 4”, 160cm x 130cm
Técnica mista - cimento, cola, acrílico, verniz.

*“(...)Talvez que a cumplicidade de máscaras que tem representado, tenha criado a necessidade desta interiorização, na busca do seu papel real na vida, e simultaneamente, a vontade de o partilhar com todos os que dele apenas conhecem, as mais diversas personagens. “E porque quanto mais repartimos o coração maior e mais nosso ele fica”:
Esta a sua maior dádiva.”*

Maria Helena Torrado



“True Colors”, 180cm x 155cm
Técnica mista - jornal, cola, cimento, gesso, acrílico, verniz



“Cabo Verde”, 130cm x 160cm
Acrílico sobre tela, verniz



“À Margem”, 130cm x 160cm
Espuma expansiva, acrílicos, verniz

Ficha Técnica

Texto:

Júlio Quaresma

Fotografia:

Mário Galiano

Design:

BenjaminFlower – Design Studio

Agradecimentos:

À minha família e a todos os meus amigos que me incentivaram e ajudaram neste caminho, obrigado!

À Ana, minha mulher, por ser a minha força inspiradora e o “porto seguro” que me desafia todos os dias, obrigado!

Com o apoio de:



TRUE COLORS